

VULNERABILIDADE ÀS DST/AIDS ENTRE ESTUDANTES DA SAÚDE: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PRIMEIRA E ÚLTIMA SÉRIE¹

Elma Mathias Dessunti*
Alberto Olavo Advincula Reis**

RESUMO

O objetivo deste estudo foi identificar e comparar aspectos da vulnerabilidade individual às DST/AIDS entre estudantes universitários da primeira e última série dos cursos de enfermagem e medicina da UEL. Selecionou-se uma amostra de conveniência, composta pelos 263 alunos matriculados no ano de 2000, analisando-se os dados dos 183 estudantes sexualmente ativos (70,4%). Utilizou-se a estrutura do Modelo de Redução de Risco da AIDS para a elaboração do questionário, considerando-se um nível de significância estatística de 5%. Os alunos do primeiro ano iniciaram atividade sexual mais precocemente do que os do último ano; o número de parceiros sexuais durante toda a vida variou de 1 a 15, com média de 3,07 parceiros para os alunos da primeira série e 3,42 para os da última. Muitos estudantes demonstram uma baixa percepção de risco pessoal de adquirir DST/AIDS e, embora discutam sobre o assunto com seus pares, continuam se expondo a parceiros que tem ou tiveram outros no passado e nem sempre usaram o preservativo. Conclui-se que as experiências vivenciadas durante o curso não foram suficientes para melhorar a adesão ao preservativo entre os alunos do último ano, provavelmente em decorrência de manter relacionamentos mais estáveis, estabelecendo-se vínculo de confiança entre os pares.

Palavras-chave: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Vulnerabilidade. Comportamento sexual. Prevenção e Controle.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), associada à alta incidência de outras doenças sexualmente transmissíveis (DST), representa um desafio para a saúde pública, pois atinge mais de 190 países, diferentes raças, credos e faixas etárias.

No Brasil, a infecção tem se disseminado rapidamente, atingindo 506.499 casos notificados ao Ministério da Saúde até 30 de junho de 2008. Destes, 52.354 casos ocorreram na faixa etária de 13 a 24 anos⁽¹⁾. Recentemente, houve um processo de feminização da infecção, caracterizado pelo registro de 1,5 homens infectados para cada mulher, em 2005; diferentemente do início da epidemia, havendo 15,1 homens por mulher⁽²⁾.

A despeito dos conhecimentos divulgados sobre as DST/AIDS, observa-se que a vulnerabilidade a essas doenças está associada a fatores sócio-comportamentais e ações governamentais adotadas em cada país ou

região⁽³⁾.

Os estudantes universitários são apontados como um grupo de adolescentes e adultos jovens com alto risco de DST, incluindo HIV, uma vez que estão iniciando precocemente atividade sexual e mudando frequentemente de parceiros⁽⁴⁾. Assim, para controlar a epidemia da AIDS e reduzir a incidência das demais DST, torna-se necessário também direcionar as pesquisas e intervenções para pessoas jovens.

Pesquisas com estudantes universitários enfatizam, principalmente, a prevenção como o uso do preservativo, a percepção de risco pessoal e a conduta sexual preventiva⁽⁴⁻⁶⁾.

Os estudos realizados com universitários da área da saúde demonstram que o alto nível de conhecimento sobre DST/AIDS não é suficiente para reduzir atividades sexuais de risco^(4,7,8).

No Brasil, os estudos que analisam fatores que podem estar relacionados ao risco de DST/AIDS ainda são insuficientes, especialmente entre estudantes universitários. Ressaltam-se algumas pesquisas referentes à percepção de conduta sexual de universitários

¹ Artigo originado da Tese "Fatores psicosociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS entre estudantes da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina", defendida na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

* Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: elma@sercomtel.com.br.

** Psicólogo. Doutor em Saúde Pública. Professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. E-mail: albereis@usp.br

relativa à prevenção da AIDS⁽⁹⁾; estudo comparativo sobre o comportamento sexual da juventude secundarista e universitária⁽¹⁰⁾; percepção e conduta sexual preventiva de estudantes universitários da Grande São Paulo⁽¹¹⁾.

Considerando-se que os alunos do último ano, além dos conhecimentos adquiridos sobre DST/AIDS, vivenciam situações de assistência à indivíduos com essas infecções durante o curso, pergunta-se: Os alunos do último ano são menos vulneráveis às DST/AIDS do que os alunos do primeiro ano, especialmente em relação ao uso do preservativo?

O objetivo deste estudo foi identificar e comparar alguns aspectos da vulnerabilidade individual às DST/AIDS entre estudantes universitários da primeira e última série dos cursos de enfermagem e medicina da Universidade Estadual de Londrina.

Espera-se que os dados obtidos nesta pesquisa possam propiciar uma reflexão sobre a formação de recursos humanos em saúde no que se refere às DST/AIDS, buscando profissionais que sejam capazes de avaliar suas próprias ações e estabelecer condutas adequadas à assistência e à educação preventiva da população.

METODOLOGIA

Realizou-se um *survey* analítico com os estudantes universitários dos cursos de Enfermagem e Medicina da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Da população, constituída por estudantes de primeiro e de último ano desses cursos, foi selecionada uma amostra intencional, composta pelos 263 alunos matriculados no ano de 2000 nos referidos cursos e séries. Destes, 260 (98,9%) responderam ao instrumento de pesquisa. Com esta amostra, representando todos os alunos das primeiras e últimas séries dos cursos da UEL citados acima, pode-se fazer uma análise inferencial a partir dos resultados observados no estudo com os alunos das duas séries propostas.

O instrumento foi estruturado a partir das variáveis do Modelo de Redução de Risco da AIDS (ARRM) e aplicados aos estudantes sexualmente ativos, ou seja, 183 (70,4%) dos que responderam o questionário. Este critério foi adotado como necessário à utilização das

variáveis do modelo, uma vez que elas estão centradas em populações com risco não zero para adquirir DST/AIDS. O ARRM foi proposto por Catania, Kegeles e Coates em 1990⁽¹²⁾ e, dentre os modelos de comportamento em saúde, este fornece uma estrutura que engloba vários fatores psicossociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS, aproximando-se dos aspectos relacionados à vulnerabilidade individual citados por Mann e Tarantola⁽³⁾. O ARRM identifica três etapas que poderiam influenciar no risco de adquirir DST/AIDS: 1) reconhecimento e rotulação dos próprios comportamentos sexuais como de risco; 2) compromisso para reduzir comportamentos性uais de alto risco e aumentar atividades de baixo risco; e 3) procura e adoção de estratégias para reduzir comportamento sexual de alto risco⁽¹²⁾. O presente estudo enfoca a terceira etapa deste processo.

Algumas questões do instrumento referem-se a dados que caracterizam a amostra (idade, sexo, curso, série, estado civil) e as atividades sexuais (idade do início da atividade sexual, uso de métodos contraceptivos), e outros dados relacionados às variáveis do ARRM, das quais para a presente publicação, foram selecionadas as seguintes: percepção de vulnerabilidade, comportamento de risco do parceiro, tipo de relacionamento sexual, número de parceiros sexuais, discussão sobre o uso do preservativo, ação referente ao uso do preservativo, uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais⁽¹²⁻¹³⁾. As respostas, em sua maioria, eram fechadas e com possibilidade de mensuração das variáveis em nível de escala ordinal. Alguns conceitos foram incluídos no instrumento para conduzir à uniformidade na compreensão das questões.

O questionário estruturado foi submetido a teste prévio com 24 alunos dos cursos de Graduação em Enfermagem e Medicina da Universidade Estadual de Maringá – PR. Esses alunos possuem características semelhantes às da população de estudo. O instrumento definitivo foi então aplicado, sendo que as mesmas questões foram respondidas pelos alunos do primeiro e do último ano de cada curso.

A coleta de dados foi realizada após autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e após contatos e esclarecimentos junto aos colegiados dos cursos de Medicina e

Enfermagem da UEL. Os alunos foram orientados quanto aos objetivos da pesquisa e, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o instrumento foi auto-aplicado, com a instrução de não se identificarem, assegurando, assim, o sigilo das respostas. Ainda, para manter a privacidade das respostas, o questionário foi acompanhado de um “termo de responsabilidade” assinado pela pesquisadora, responsabilizando-se pelos dados coletados e pelo sigilo absoluto sobre as respostas emitidas individualmente. Após o preenchimento, o questionário foi colocado em envelope e lacrado, com a garantia da pesquisadora de que somente seria aberto após a devolução de todos os questionários respondidos por série e curso. O questionário foi aplicado nos meses de maio e junho de 2000.

Os dados foram tabulados por meio do programa epi-info, versão 6.04. Outros programas computacionais utilizados foram Microsoft Excel para Windows 97, S-PLUS 4.5 e SPSS 8.0. Para caracterizar o perfil do grupo de alunos estudados, apresenta-se uma análise exploratória com o cálculo de medidas descritivas (média, mediana e desvio padrão) e a construção de tabelas de frequências e gráfico do tipo Box-Plot. Algumas questões ainda foram analisadas descritivamente, utilizando-se os resultados de tabelas de frequências.

Para comparação dos alunos por ano do curso foram utilizados testes de homogeneidade para dados categorizados (teste Qui-quadrado e teste Exato de Fisher), teste não-paramétrico para dados ordinais (Mann-Whitney). Os testes estatísticos foram calculados considerando-se um nível de significância de 0,05 (5%).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 263 alunos matriculados nos cursos de Enfermagem e Medicina da UEL no ano de 2000, 260 (98,9%) responderam o questionário. Foram tabulados apenas os dados dos 183 alunos sexualmente ativos, ou seja, 70,4%. Estudo

O número de parceiros sexuais durante toda a vida variou de 1 a 15, sendo a média geral de 3,07 ($DP=2,42$) parceiros para os alunos do primeiro ano e 3,42 ($DP=3,26$) para os do último ano. Poder-se-ia, para melhor avaliar a significação deste indicador, estabelecer a

sobre o comportamento sexual da população brasileira demonstrou que aproximadamente 60% dos indivíduos com idade entre 16 e 19 anos haviam iniciado atividade sexual, atingindo 92,3% na faixa etária de 20 a 24 anos⁽¹⁴⁾. Especificamente, entre estudantes universitários de duas cidades do interior paulista, foi detectado que 63,2%⁽⁵⁾ e 81,0%⁽⁶⁾ praticavam sexo.

A maioria dos estudantes da amostra da UEL era solteira (92,9%). Conforme esperado, observou-se diferença significante para esta variável entre os alunos das duas séries (12,0% dos alunos do último ano e 1,2% do primeiro ano eram casados ou viviam em união consensual; $p=0,007$). Da mesma forma, houve diferença quanto à faixa etária, ou seja, 56,8% dos alunos da primeira série tinham entre 17 e 19 anos e 50,0% dos alunos do último ano tinham entre 23 e 25 anos de idade ($p < 0,05$). Não se observou diferença significante quanto ao sexo (52,5% feminino) e o curso (57,4% eram alunos de medicina).

Houve semelhança quanto à idade de início da atividade sexual entre os alunos do primeiro ano de ambos os性os, com 50% dos casos variando de 16 a 18 anos (média de 16,9 para os homens e 16,6 para as mulheres). Percebe-se uma maior variabilidade entre os alunos do último ano, com 50% dos homens tendo iniciado a atividade sexual entre os 16 e 20 anos (média de 17,7 anos) e 50% das mulheres com início entre 17 e 20 anos (média de 18,4 anos). Os mais jovens iniciaram atividade sexual mais precocemente, sem distinção de sexo. A idade mínima de início da atividade sexual foi de 12 anos (mulher, do primeiro ano) e a máxima de 28 anos (homem, do último ano).

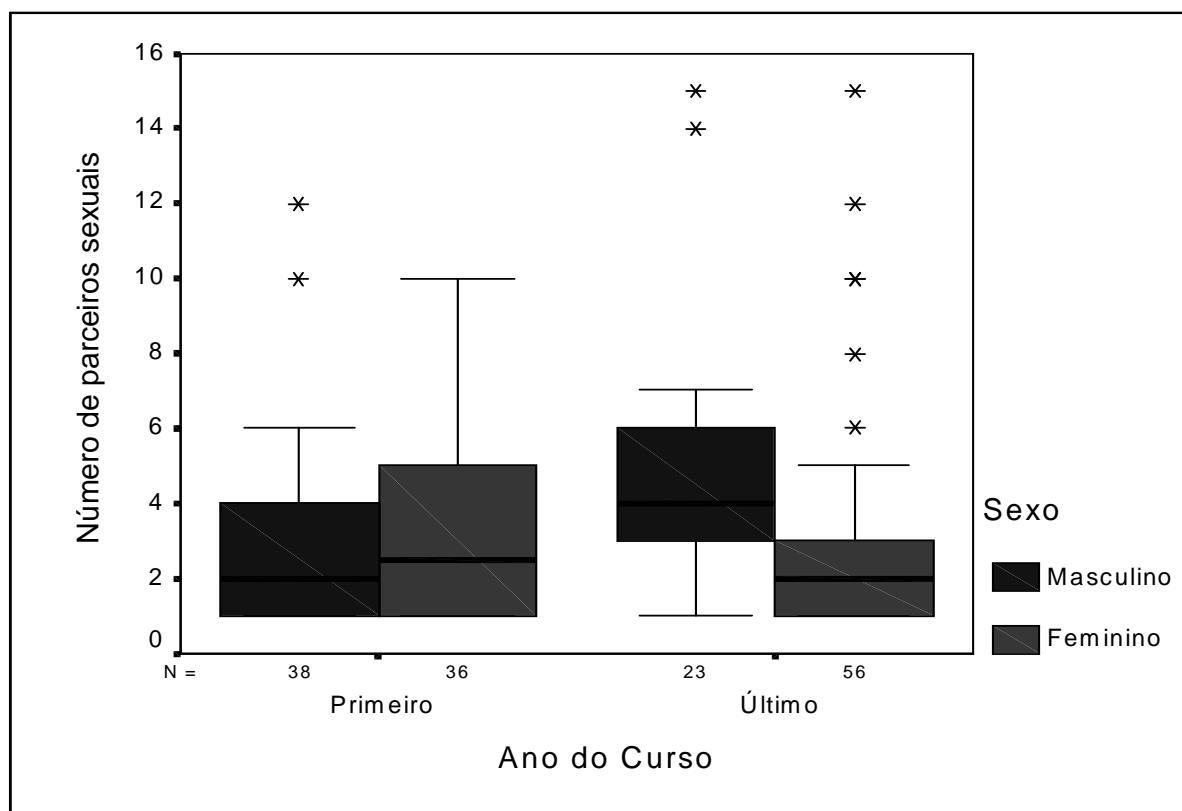
Para a população geral brasileira, a idade média da primeira relação sexual é mais precoce do que a do presente estudo para os homens (15,6 anos) e, para as mulheres, é semelhante à das mulheres do primeiro ano (17 anos)⁽¹⁴⁾.

A figura 1 mostra o número de parceiros sexuais dos estudantes da UEL.

proporção existente entre o número de parceiros e o tempo vivido (idade). Contudo, nossa amostra tem uma concentração maior entre 17 e 25 anos de idade, o que faz com que tal cuidado seja dispensado, nesse caso. Alguns estudos apontam médias que variam de 2,7 a 6,5

parceiros sexuais durante toda a vida entre estudantes jovens sexualmente ativos⁽¹⁵⁾. Destaca-se que o risco para HIV/AIDS aumenta

com base no número de parceiros sexuais de estado sorológico desconhecido e várias exposições.



** Excluídas as respostas "vários, mas não sei o número" (23); "não quero responder" (04); e as respostas em branco(03)

Figura 1: Número de parceiros sexuais durante toda a vida citado pelos estudantes de Enfermagem e Medicina, segundo o sexo e o ano do curso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000. (n=153**)

Nos últimos doze meses o número de parceiros sexuais entre os estudantes da UEL variou de zero a seis e a média geral foi de 1,24 (DP 0,90) parceiros entre os alunos do primeiro ano e 1,45 (DP=1,18) entre os do último ano.

Ressalta-se que não foram incluídos nos cálculos das médias, 23 universitários que referiram ter tido vários parceiros durante toda a vida, sem determinar o número deles e 7 alunos que fizeram a mesma referência para os últimos doze meses. Isso poderia aumentar as médias citadas, especialmente no primeiro caso.

Os dados apresentados nesta pesquisa, semelhantes aos dados apresentados na literatura, mostram que muitos universitários da UEL têm-se envolvido com múltiplos parceiros, independente do ano do curso, o que poderia levá-los ao risco de adquirir DST/AIDS, especialmente se o preservativo não for usado de

forma consistente. Embora 90,7% dos alunos referiram discutir sobre DST/AIDS e risco pessoal com amigos ou parceiros sexuais, a tabela 1 mostra que esses estudantes estão se expondo a parceiros que tem ou tiveram outros no passado e nem sempre usaram o preservativo.

Observou-se que 53,5% dos alunos referiram que seu parceiro tem ou teve relação sexual com outra pessoa e 19,2% desconhecem esse passado. O uso da camisinha pelo parceiro com outros parceiros sexuais foi referido por apenas 38,4% desses alunos e o não conhecimento desta questão por 40,8%. Não se observou diferença significante entre os anos dos cursos para as duas variáveis.

O uso constante (sempre) de método contraceptivo durante todo o período de vida sexual ativa foi referido por 67,6% dos estudantes pesquisados, não havendo diferença

estatística entre os anos do curso. Esse percentual é inferior ao encontrado entre universitários do primeiro ano de uma

universidade pública, em que 82,0% referiram utilizar algum método contraceptivo em todas as relações sexuais⁽¹⁶⁾.

Tabela 1: Distribuição do número e percentagem dos estudantes do primeiro e do último ano dos cursos de Enfermagem e Medicina, segundo o comportamento de risco para DST/AIDS do(s) parceiro(s) sexual(ais). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

Variáveis	Total	Ano do Curso		Valor de p
	n (%)	Primeiro n (%)	Último n (%)	
Parceiro tem ou teve relação sexual com outra pessoa (n=183)				
Sim	92 (53,5)	34 (44,7)	58 (60,4)	
Não	47 (27,3)	24 (31,6)	23 (24,0)	0,117*
Não sei	33 (19,2)	18 (23,7)	15 (15,6)	
Valores faltantes = 11				
Uso de camisinha pelo parceiro sexual nas relações sexuais com outros parceiros (n=125**)				
Sim	48 (38,4)	23 (43,4)	25 (34,7)	
Não/às vezes	26 (20,8)	9 (17,0)	17 (23,6)	0,529*
Não sei	51 (40,8)	21 (39,6)	30 (41,7)	
Valores faltantes = 0				

*Teste Qui-quadrado de Pearson

**Computadas apenas as respostas com opções “sim” e “não sei” para a variável anterior

Os métodos contraceptivos mais citados pelos alunos da UEL como de uso contínuo foram a camisinha (34,1%), as pílulas anticoncepcionais (28,6%), a tabelinha (6,0%) e o coito interrompido (4,4%).

Houve diferença significante entre as duas séries ($p=0,01$) no que se refere ao uso de contraceptivos orais, com uma proporção maior de usuários entre os alunos do último ano. O uso deste método interfere na adesão ao uso do preservativo, uma vez que existe uma grande preocupação de se evitar a gravidez em detrimento da prevenção das DST/AIDS. Estudo realizado entre estudantes universitários do primeiro ano mostra associação entre o uso de contraceptivos orais e o uso irregular ou não uso de preservativos⁽¹⁷⁾.

A proporção dos alunos do primeiro ano que usam regularmente o preservativo como método contraceptivo é maior do que a dos alunos do último ano (40,2% e 29,0%, respectivamente), embora não tenha havido diferença significante ($p=0,08$). Destaca-se ainda que 65,9% do total de alunos referiram fazer uso descontínuo ou nunca usar o preservativo, resultando em risco de exposição ao HIV e outras DST.

Apesar do nível elevado de uso sistemático de métodos contraceptivos demonstrado em pesquisa com estudantes secundaristas e universitários, os autores ponderam que o contingente de jovens que mantêm relações sexuais desprotegidas ainda é muito grande e que, mesmo sob proteção anticoncepcional, os jovens que têm muitos parceiros e não usam sistematicamente o preservativo permanecem desprotegidos para as DST e AIDS⁽¹⁰⁾.

A percepção de risco pessoal de adquirir DST/AIDS entre os estudantes da UEL foi analisada numa escala de 1 a 5, em que escores próximos a 1 indicavam probabilidade muito grande de adquirir essas infecções nos cinco anos subsequentes. Esta percepção mostra-se baixa quando os alunos da primeira série se julgam com pequena ou nenhuma probabilidade de adquirir DST (média de 4,01) ou AIDS (média de 4,12). Da mesma forma ocorre com os alunos da última série (média de 4,06 e 4,09, respectivamente, para DST e AIDS). Em contrapartida, esses alunos percebem que indivíduos da mesma faixa etária têm maior possibilidade de adquiri-las. A média situou-se em torno de 1,87 para o primeiro ano e 2,04 para o último, ou seja, a probabilidade do “outro”

adquirir DST/AIDS foi classificada como “grande”.

Baixa percepção de risco também foi demonstrada entre indivíduos soropositivos e doentes, em estudo realizado sobre o risco do HIV/AIDS, a partir das representações sociais⁽¹⁸⁾. A autora conclui que um dos sentidos a influenciar essas representações, relaciona-se “a projeção do risco para o mundo externo, para além das fronteiras do ‘eu’, para um território distante, constituído pela figura do ‘outro’, do alienígena, do diferente” (p. 212). Justifica que a AIDS, fortemente associada a homo e bissexualismo no passado, passou a incorporar, também, outras imagens como a das prostitutas e usuários de drogas injetáveis, levando à representação na imaginação popular como a “doença do outro”.

A baixa percepção de risco entre os estudantes da UEL pode ser confirmada quando 62,8% deles se classificaram como de “baixo risco” ante as DST/AIDS e 23,9% como de “nenhum risco”.

Relatório divulgado pelo Ministério da Saúde⁽¹⁹⁾ sobre a situação da AIDS no Brasil apresenta a percepção de risco de contrair HIV, demonstrando que a Região Sul teve o maior percentual de mulheres (85,5%) e homens (88,0%) que se consideram passíveis de pequeno ou nenhum risco. A percepção de invulnerabilidade pessoal à AIDS também foi expressiva entre universitários do Estado de São Paulo, tendo sido mais acentuada entre moças do grupo etário mais jovem, que nunca tiveram relação sexual⁽⁹⁾.

Estudo realizado com 240 universitários sobre os motivos pelos quais adultos heterossexualmente ativos não praticam sexo seguro com o último parceiro sexual aponta que 75% justificam o baixo risco percebido e 21% porque simplesmente não queriam⁽²⁰⁾.

A percepção de vulnerabilidades à AIDS pode ser maior entre indivíduos que conhecem ou convivem com alguém que tenha a doença. Assim, os estudantes universitários do último ano da UEL deveriam ter maior percepção de risco do que os alunos do primeiro ano, uma vez que tiveram vários contatos com pacientes com HIV/AIDS durante o curso. No entanto, não se observou diferença estatística entre os alunos das duas séries.

O risco pessoal de contrair HIV é, muitas vezes, determinado pelas próprias crenças, levando homens heterossexuais não usuários de drogas, bem como mulheres, a subestimar seu risco de contrair HIV, uma vez que a AIDS está associada, no imaginário popular, a práticas homossexuais masculinas e ao uso de drogas injetáveis⁽¹¹⁾.

Considerável proporção de estudantes de algumas universidades de São Paulo referiu não ser possível contrair a AIDS ao ter relação sexual com “pessoa amiga”, ou seja, na percepção deles, o fato de conhecer “bem” o parceiro representa segurança quanto à prevenção da AIDS⁽⁹⁾.

Embora a percepção de risco pessoal seja baixa entre os estudantes da UEL que fizeram parte deste estudo, as DST acometeram 8,2% dos alunos. Esse percentual é maior do que os 5,5% encontrados entre estudantes universitários canadenses, sexualmente ativos, do primeiro ano, que relataram pelo menos um diagnóstico de DST⁽¹⁷⁾.

O tipo de parceiro sexual, analisado neste estudo, mostra que os alunos da UEL da última série referiram ter mais parceiros estáveis do que os alunos da primeira série nos últimos doze meses, 57,0% e 37,3%, respectivamente ($p=0,004$). O mesmo ocorreu com os relacionamentos atuais (75,0% da última série e 47,0% da primeira). Ressalta-se que os alunos de ambas as séries referem ter se envolvido em relacionamentos “eventuais” (22,9%) e “estáveis e eventuais” (22,4%) nos últimos doze meses. Ainda, dentre os 42 alunos que referiram envolvimento com parceiros eventuais, 69% são do primeiro ano e 31% do último.

O uso do preservativo durante as relações sexuais, vaginal ou anal, demonstrado nas tabelas 2 e 3, configura a atividade mais concreta e importante na prevenção das DST/AIDS.

Estudos sobre o uso de preservativos entre adultos jovens têm indicado que entre 25% e 49% de estudantes sexualmente ativos relataram nunca usá-los, ou que tem decrescido o seu uso⁽²¹⁾. Dos estudantes da UEL que referiram manter relações sexuais nos últimos doze meses, 55,6% assinalaram uso contínuo do preservativo, 27,2% uso eventual e 17,2% não o usam, não se observando diferença significante entre as séries (tabela 2).

Tabela 2: Distribuição do número e percentagem dos estudantes do primeiro e do último ano dos cursos de Enfermagem e Medicina, segundo o uso de preservativo nos últimos doze meses e algumas variáveis relacionadas ao seu uso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

Variáveis	Total	Ano do Curso		Valor de p
	n (%)	Primeiro n (%)	Último n (%)	
Uso de preservativo durante a relação sexual vaginal				
Sim	94 (55,6)	49 (65,3)	45 (47,9)	0,067*
Às vezes	46 (27,2)	17 (22,7)	29 (30,8)	
Não	29 (17,2)	9 (12,0)	20 (21,3)	
Valores faltantes = 14				
O preservativo escapou nos últimos 12 meses (n=140).				
Pelo menos 1 vez	37 (26,8)	17 (26,6)	20 (27,0)	0,951*
Não	101	47 (73,4)	54 (73,0)	
Valores faltantes = 2				
O preservativo rompeu nos últimos 12 meses (n=140).				
Pelo menos 1 vez	32 (22,9)	11 (16,9)	21 (28,0)	0,120*
Não	108	54 (83,1)	54 (72,0)	
Valores faltantes = 0				

*Teste Qui-quadrado de Pearson.

No que se refere ao uso correto da camisinha, observa-se que 22,9% dos alunos referem que houve ruptura da mesma pelo menos uma vez nos últimos doze meses e 26,8% referem que ela saiu. Algumas questões podem ser aqui colocadas como, por exemplo, a não escolha do

preservativo pela sua qualidade, a não familiaridade com o seu uso, a falta de acesso ao tamanho adequado do preservativo, a forma incorreta de colocação e retirada, uso de lubrificantes inadequados.

Tabela 3: Estatísticas descritivas da freqüência do uso do preservativo com parceiros estáveis e eventuais nas relações sexuais, vaginal e anal, entre os alunos do primeiro e do último ano dos cursos de Enfermagem e Medicina. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

Uso do preservativo/ tipo de relação	Ano do Curso						Teste Mann Whitney U p
	Primeiro	Média	Mediana	Desvio Padrão	Último	Média	Mediana
Qual é a freqüência do uso da camisinha na relação sexual vaginal com seu(sua) parceiro(a) estável	1,51	1	0,60	1,71	2	0,54	0,06
Qual é a freqüência do uso da camisinha na relação sexual anal com seu(sua) parceiro(a) estável	1,67	1	0,86	1,62	1	0,80	0,74
Qual é a freqüência do uso da camisinha na relação sexual vaginal com parceiros eventuais	1,21	1	0,41	1,34	1	0,48	0,02
Qual é a freqüência do uso da camisinha na relação sexual anal com parceiros eventuais	1,05	1	0,22	1,13	1	0,34	1,00

O uso de preservativos, foi codificado em valores que poderiam variar entre 1 (sempre), 2 (uso inconsistente) e 3 (nunca).

A tabela 3 confirma uma tendência maior dos alunos do último ano em usar menos o preservativo nas relações sexuais vaginais com

parceiros eventuais do que os alunos do primeiro ano. Ou seja, os estudantes que mais apresentam relacionamentos estáveis (último ano) são os que menos usam o preservativo de forma consistente nas relações sexuais (tabelas 2 e 3).

A maioria dos estudantes da Grande São Paulo afirmou ter parceiro fixo, em geral namorado, em quem confiam. Assim sendo, menos de 50% deles afirmaram ter usado preservativo nas relações sexuais nos últimos trinta dias⁽¹¹⁾. A possibilidade do uso do preservativo ser influenciado pelo tempo de relacionamento foi analisada entre adultos heterossexuais não casados, concluindo-se que o preservativo foi usado no início da relação, mas à medida que esse relacionamento continuou e se estabeleceu confiança, o preservativo deixou de ser usado, pois significava desconfiança entre o casal⁽²²⁾. A descontinuidade do uso do preservativo também foi demonstrada em outros estudos com universitários⁽⁶⁾.

Estudo realizado no Estado de São Paulo demonstrou que apenas 17,7% dos homens e 11,8% das mulheres usam o preservativo em todas as relações sexuais⁽⁹⁾. Proporção mais alta foi encontrada em uma universidade do interior do mesmo estado em que 44,4% dos estudantes sexualmente ativos usavam regularmente a camisinha⁽⁵⁾.

O uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais, tido como um forte preditor de comportamento de risco, foi referido por 68,8% dos alunos que responderam à questão, podendo estar interferindo negativamente no uso da camisinha, o que os levaria ao risco de adquirir DST/AIDS. O uso de outras drogas foi referido por 4,0% dos alunos.

O uso de substâncias que desinibem a repressão sexual, como o álcool, a maconha ou outras drogas, é correlacionado com aumento da atividade sexual e com maior probabilidade de engajar em comportamento sexual de risco, tal como a relação sexual desprotegida^(15, 21, 23).

Este estudo demonstrou que muitos estudantes universitários da UEL continuam a engajar-se em atividades sexuais de risco para HIV/AIDS, tanto os alunos do primeiro ano, quanto os do último ano. As experiências vivenciadas durante o curso não foram suficientes para melhorar a adesão ao uso do preservativo entre os alunos do último ano,

provavelmente em decorrência de manter relacionamentos mais estáveis, estabelecendo-se um vínculo de confiança entre os pares.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a maioria dos estudantes universitários sexualmente ativos da área da saúde da UEL estão expostos a alguns fatores de risco para DST/AIDS. O início da atividade sexual, à semelhança da maioria dos jovens brasileiros, ocorreu em idade mais precoce para os alunos mais jovens (primeira série). O número de parceiros sexuais durante toda a vida também pode torná-los mais vulneráveis, considerando-se que variou de 1 a 15, com média geral de 3,07 e 3,42 para os alunos da primeira e última série, respectivamente. Esta média cai para 1,24 e 1,45 parceiros, quando o tempo é limitado ao último ano, podendo significar risco se associado ao uso inconsistente do preservativo. A boa comunicação com os parceiros sexuais não impediu que se envolvessem com indivíduos que tiveram outros parceiros e que não usaram o preservativo com os mesmos.

A percepção de invulnerabilidade pessoal entre os calouros e os formandos fica evidente quando a maioria se considera com pequena ou nenhuma probabilidade de adquirir DST/AIDS, enquanto que os indivíduos da mesma faixa etária são vistos com grande probabilidade de adquirir essas infecções.

Os métodos contraceptivos mais citados pelos alunos foram o preservativo (34,1%) e as pílulas anticoncepcionais (28,6%). Entretanto, a proporção de alunos que usam regularmente o preservativo com essa finalidade é maior entre os alunos da primeira série, enquanto que os contraceptivos orais são mais usados pelos alunos da última série.

Os alunos da última série se envolvem mais com parceiros estáveis, embora alunos de ambas as séries refiram relacionamentos “eventuais” e “estáveis e eventuais” nos últimos doze meses, especialmente os do primeiro ano. Ainda, os alunos da primeira série demonstram maior freqüência de uso de preservativos com parceiros eventuais do que os alunos da última. Pode-se afirmar que, ao adotar parceria única, os veteranos estabelecem vínculo de “confiança”

com seus parceiros, justificando maior percentual de uso esporádico ou não uso do preservativo nas relações sexuais.

O uso de bebidas alcoólicas antes das relações性uals também foi citado pela maioria dos estudantes, o que pode levar ao não uso do preservativo.

De modo geral, os alunos mostraram-se muito semelhantes nos diversos itens pesquisados, não havendo mudanças significativas com o passar do tempo e com a maior graduação dos mesmos. Recomenda-se,

desta forma, que programas educativos sejam direcionados aos adolescentes, incluindo os jovens universitários da área da saúde, preparando esses futuros profissionais para atividades educativas, destacando não somente aspectos biológicos, mas também psicossociais e comportamentais. A vulnerabilidade desses jovens deve ser enfatizada, não apenas no aspecto individual, mas também no programático e no social, contribuindo para a formação de alunos críticos, visando a transformação da realidade.

VULNERABILITY TO STD/AIDS AMONG HEALTH GRADUATE STUDENTS: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN FRESHMEN AND SENIORS

ABSTRACT

This study aimed to identify and compare the aspects of individual vulnerability to STD/AIDS among students enrolled in the first and last years of the Nursing and Medical Undergraduate Programs at State University of Londrina. A convenience sample was selected from 263 enrolled students in 2000, and the 183 students who were sexually active (70,4%) had their data assessed. The AIDS Risk Reduction Model framework was used to design the questionnaire, considering a significance level of 5%. First year students began their sex lives earlier than the seniors and the number of sexual partners varied between one and 15 in their life, and the general mean is 3.07 partners for the freshman and 3.42 for the seniors. Many students showed a low perception of personal risk to get STD/AIDS and, although they discuss it with their colleagues, they continue to expose themselves to partners that had or have other partners in the past and did not use condom. We can conclude that the experiences lived during their graduate years were not enough to improve their responsibility to use condoms in their senior year, probably due to keeping more stable relationships which create a confidence bond between the partners.

Key words: Acquired Immunodeficiency Syndrome. Sexually Transmitted Diseases. Vulnerability. Sexual Behavior. Prevention and Control.

VULNERABILIDAD A LAS ETS/SIDA ENTRE ESTUDIANTES DE LA SALUD: ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE PRIMER Y ÚLTIMO AÑO

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar y comparar aspectos de la vulnerabilidad individual a las ETS/SIDA entre estudiantes universitarios del primer y último año de los cursos de enfermería y medicina de la UEL. Se seleccionó una muestra de conveniencia, compuesta por 263 alumnos matriculados en el año de 2000. Se utilizó la estructura del Modelo de Reducción de Riesgo del SIDA para la elaboración del cuestionario. Se analizaron los datos de 183 estudiantes sexualmente activos (70,4%), considerando un nivel de significado estadístico del 5%. Los alumnos del primer año iniciaron actividad sexual antes que los del último año; el número de compañeros sexuales durante toda la vida varió de 1 a 15, con un promedio de 3,07 compañeros para los alumnos del primer año y 3,42, para los del último. Muchos estudiantes demostraron una baja percepción de riesgo personal de adquirir ETS/SIDA y, aunque han discutido sobre el asunto con sus pares, continúan exponiéndose a compañeros que tienen o han tenido otros en el pasado y ni siempre han usado preservativo. Se concluye que las experiencias vividas durante el curso no fueron suficientes para mejorar la adhesión al preservativo entre los alumnos del último año, probablemente por mantener relaciones más estables, estableciéndose vínculo de confianza entre los pares.

Palabras clave: Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida. Enfermedades de Transmisión Sexual. Vulnerabilidad. Comportamiento sexual. Prevención y control.

REFERÊNCIAS

- Ministério da Saúde. Bol Epidemiol AIDS. Brasília, 2008; dez.; 5(1). [citado em 18 Abr 2009]. Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/documents/storedDocuments/%7BBB8EF5>

DAF-23AE-4891-AD36-
1903553A3174%7D/%7B31A56BC6-307D-4C88-922D-
6F52338

D0BF4%7D/Boletim2008_vers%E3o1_6.pdf

2. Maliska ICA, Souza MIC, Silva DMGV. Práticas sexuais e o uso do preservativo entre mulheres com HIV/AIDS. Cienc Cuid Saude 2007 Out/Dez; 6(4):471-478.
3. Mann JM, Tarantola DJM. Vulnerability: personal and programmatic. In: AIDS in the world II. New York: Oxford University Press; 1996. p.441 – 3.
4. Svenson LW, Carmel S, Varnhagen CK. A review of the knowledge , attitudes and behaviours of university students concerning HIV/AIDS. Health Promot Int. 1997; 12(1): 61-8.
5. Bento I, Bueno S. Sexualidade e DST/AIDS em uma população universitária. J Bras Doenças Sex Transm. 1999; 11(2):17-25.
6. Barbosa RG, Garcia FCP, Manzato AJ, Martins RA, Vieira FT. Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. DST j. bras. doenças sex. transm. 2006. [citado em 05 Maio 2009]; 18(4): 224-30. disponível em:
<http://www.uff.br/dst/revista18-4-2006/CAP%201%20Conhecimento%20Sobre%20DST%20AIDS%20Hepatites%20e%20Conduta%20Sexual%20de%20Universitarios%20de%20Sao%20Jose%20do%20Rio.pdf>
7. Gir E, Moriya TM, Hayashida M, Duarte G, Machado AA. Medidas preventivas contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. Rev Lat Am Enfermagem. 1999 jan.; 7(1): 11-7.
8. Leite MTF, Costa AVS, Carvalho KACC, Melo RLR, Nunes BMTV, Nogueira LT. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. Rev bras. enferm. 2007 jul-ago; 60(4): 434-8.
9. Temporini ER. Prevenção da AIDS: percepção e conduta sexual de estudantes universitários no Estado de São Paulo. [tese de Livre-Docência]. São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da USP; 1995. 160p.
10. Souza RP de, Oliveira JS de, Wagner MB, Vinciprova AR. Estudo comparativo sobre o comportamento sexual da juventude secundarista e universitária de Porto Alegre, Brasil. Adolesc Latinoam. 1997 abr/jun.; 1(1):20-30.
11. Gil AC. AIDS: percepção de risco pessoal e conduta sexual preventiva de estudantes universitários da Grande São Paulo. [tese]. São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da USP; 1998. 217p.
12. Catania JA, Kegeles SM, Coates TJ. Towards an Understanding of Risk Behavior: An AIDS Risk Reduction Model (ARRM). Health Educ Q. 1990; 17(1): 53-72.
13. Catania JA. Health protective sexual communication scale. In: Davis CM, Yarber WL, Bauserman R, Schreer G, Davis SL. Handbook of sexuality-related measures. Thousand Oaks, California: Sage Publications; 1998. p. 544-7.
14. Berqué E, Loyola MAR, Pinho MDG, Ferreira MP, Correa M, Souza MR, Bussab W. Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS. CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Brasília, Ministério da Saúde. PN DST/AIDS, 1999. [citado em 05 Maio 2009]. Disponível em:
<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/168comporamento.pdf>
15. Rotheram-Borus MJ, Mathler KA, Rosario M. AIDS prevention with adolescents. AIDS Educ Prev. 1995; 7(3): 320-36.
16. Alves AS, Lopes MHBM. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. Rev bras enferm. 2008 jan./fev.; 61(1): 11-7.
17. MacDonald NE, Wells GA, Fisher WA, Warren WK, King MA, Doherty JAA, Bowie WR. High-risk STD/HIV behavior among college students. JAMA. 1990; 263(23): 3155-9.
18. Paulilo MAS. AIDS: os sentidos do risco. São Paulo: Veras Editora; 1999. (Série Temas; 3).
19. Brasil. Ministério da Saúde. CN – DST/AIDS. Reunião Macrorregional Sul: Aspectos da epidemia de AIDS na Região Sul do Brasil, 1987 – 1998; evidências de crescimento diferenciado e propostas de estratégias para o controle. Florianópolis: Documento apresentado para análise e discussão na reunião de 9 a 11 de julho de 2001; 2001. Mimeografado.
20. Kusseling FS, Shapiro MF, Greenberg JM, Wenger NS. Understanding why heterosexual adults do not practice safer sex: a comparison of two samples. AIDS Educ Prev, 1996; 8(3): 247-57.
21. Cerwonka ER, Isbell TR, Hansen CE. Psychosocial factors as predictors of unsafe sexual practices among young adults. AIDS Educ Prev. 2000; 12(2): 141-53.
22. Catania JA, Coates TJ, Kegeles S. A test of the AIDS Risk Reduction Model: psychosocial correlates of condom use in the AMEN cohort survey. Health Psychol. 1994; 13(6): 548-55.
23. Façanha MC. Prevenção a DST/AIDS entre estudantes da área da saúde. J Bras Doenças Sex Transm. 2000; 12(5): 59.

Endereço para correspondência: Elma Mathias Dessunti. Rua Alagoas, nº 1674, apto nº 61, CEP 86020 430, Londrina, Paraná.